

AS EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS METAFÓRICAS E METONÍMICAS COMO RECURSO MODALIZADOR NA NOTÍCIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Gabriel Domício Medeiros Moura Freitas*
Lucienne Claudete Espíndola**

O presente artigo, resultado de uma pesquisa vinculada ao Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT)¹, investiga a função semântico-argumentativa das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas encontradas em notícias de divulgação científica. Como referencial teórico para essa investigação, recorreremos às contribuições teóricas de autores como Lakoff e Johnson (2002[1980]), Lakoff e Johnson (2003), Barcelona (2003), Espíndola (2007), Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989) e Nascimento (2009). Nessa pesquisa, se verifica, por meio da Teoria da Modalização, como as metáforas e as metonímias conceptuais são utilizadas como estratégia argumentativa por quem se responsabiliza pela redação das notícias de divulgação científica. Os resultados analisados neste trabalho são comparados com aqueles encontrados por Lima (2008) sobre a notícia policial.

Palavras-chave: notícia de divulgação científica, metáforas/metonímias, modalização.

This article is related to “Laboratório Semântico-Pragmático de Textos (LASPRAT)” and investigates the semantic-argumentative function of metaphorical and metonymical expressions which were found in scientific divulgation news. We have used for this investigation contributions from authors such as Lakoff e Johnson (2002[1980]), Lakoff e Johnson (2003), Barcelona (2003), Espíndola (2007), Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989) and Nascimento (2009). This work analyses throughout the Modalization Theory how conceptual metaphors and conceptual metonymies are used as argumentative strategy for those who are responsible to write scientific divulgation news. The results which are analyzed in this research are also compared with the analysis made by Lima (2008) on her study about police news.

Keywords: scientific divulgation news, metaphors/metonymies, modalization.

1. METÁFORA/METONÍMIA CONCEPTUAIS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Desde os pré-socráticos até a contemporaneidade, a tradição do pensamento ocidental tem por fundamento defender a ideia de que podemos construir verdades absolutas e incondicionais a respeito da realidade em que nos encontramos inseridos, seja por meio de uma capacidade racional inata, como defendem os racionalistas, seja por meio dos sentidos e sensações, como postulam os empiristas, ou ainda mediante a combinação de ambas as faculdades, conforme defende o filósofo alemão Immanuel Kant ao longo de suas obras.

Nesse contexto, as metáforas são comumente entendidas por filósofos e outros autores alinhados com essa tradição do pensamento ocidental como meros ornamentos de linguagem e, portanto, consideradas apenas figuras de linguagem cuja natureza não permite enunciar verdades de forma direta, a não ser indiretamente por meio de alguma paráfrase não metafórica supostamente literal.

* Mestrando em Letras – UFPB – Bolsista CNPq - gabrielmoura@msn.com

** Doutora em Linguística – UFPB - lucienne@hotmail.com

¹ Laboratório vinculado ao DLCV e ao PROLING e coordenado pela professora Lucienne C. Espíndola.

Com o objetivo de questionar esse estado de coisas defendido por essa tradição do pensamento ocidental, Lakoff e Johnson (2002[1980]) lançam a obra *Metaphors we live by*, na qual defendem a tese de que acreditar na existência de uma verdade absoluta e objetiva é não somente um erro, mas também um perigo social e político, pois o que entendemos como verdade é sempre relativo a um sistema conceptual construído, em grande medida, por meio de metáforas.

Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 293) não pretendem com essa afirmação defender um retorno à subjetividade e à arbitrariedade ao modo do personagem Humpty Dumpty de *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll, em que cada coisa significa exatamente o que se quer que ela signifique, nem mais, nem menos. Ao contrário, os referidos autores consideram um equívoco conceber que a única alternativa possível aos postulados objetivistas seja a subjetividade radical, sem com isso se pensar na possibilidade de uma terceira via que constitua um legítimo contraponto aos mitos do objetivismo e do subjetivismo.

Vale salientar que o termo ‘mito’ não é usado aqui pejorativamente, pois Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 294) entendem que os mitos organizam as nossas vidas e nos oferecem referenciais para a compreensão das experiências. Assim, tal como ocorre em relação às metáforas,

(...) os mitos são necessários para fazer sentido do que se passa ao nosso redor. Todas as culturas têm mitos e as pessoas não podem viver sem eles assim como não podem viver sem a metáfora. E assim como consideramos freqüentemente as metáforas de nossa cultura como verdades, do mesmo modo também consideramos freqüentemente os mitos de nossa cultura como verdades. (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], p. 294).

Nesse sentido, os dois autores denunciam o mito do objetivismo como perigoso, uma vez que este, além de não se afirmar como um mito, rebaixa e menospreza os mitos e metáforas por não considerá-los objetivamente verdadeiros. No decorrer desse processo, o mito do objetivismo deixa de perceber que nem mesmo ele é em si mesmo objetivamente verdadeiro. Tal constatação, todavia, não deve transformá-lo em motivo de desconsideração, mas sim de exame e compreensão a seu respeito.

O que o mito do objetivismo deixa de reconhecer, portanto, é que a verdade está relacionada ao nosso sistema conceptual, o qual é construído e constantemente testado por meio das nossas experiências e das vivências de outros integrantes da cultura a que pertencemos, seja por meio de nossas interações diárias ou pelo contato constante com os ambientes físico e cultural nos quais estamos inseridos.

Por outro lado, o subjetivismo, ao defender que a verdade somente pode ser alcançada por meio de uma imaginação alheia a quaisquer restrições de ordem externa, apresenta-se como oposição ao objetivismo por acreditar que, defendendo as emoções, o conhecimento intuitivo, a imaginação, os sentimentos humanos e a arte, estaria denunciando os valores desumanizados da razão, da ciência e da objetividade.

Para Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 302), essa postura adotada pela tradição romântica, partidária do mito do subjetivismo, apenas reforçou a dicotomia entre razão e verdade, de um lado, e imaginação e arte, do outro, pois, ao abdicarem de qualquer valorização da racionalidade, os românticos acabaram por fazer o jogo do mito do objetivismo, conferindo-lhe ainda mais poder desde então.

Essas limitações apresentadas pelos mitos do objetivismo e do subjetivismo fundamentam a proposta de Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 302) de voltarem suas atenções para a metáfora, uma vez que esta não se fundamenta em uma oposição entre razão e imaginação.

A razão, no mínimo, envolve a categorização, a implicação, a inferência. A imaginação, em um dos seus muitos aspectos, implica ver (sic) um tipo de coisa em termos de um outro tipo de coisa o que denominamos pensamento metafórico. A metáfora é, pois, uma *racionalidade imaginativa*. Como as categorias de nosso

pensamento cotidiano são largamente metafóricas e os nossos raciocínios diários envolvem implicações e inferências metafóricas, a racionalidade ordinária é, pois, imaginativa por natureza. (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], p. 302, grifo do autor).

Assim, a abordagem experiencialista proposta pelos referidos autores permite que se estabeleça uma relação entre os mitos objetivista e subjetivista no tocante à imparcialidade e à possibilidade de ser justo e objetivo. O recurso por meio do qual ambos os mitos se conciliam, sem uma necessária exclusão mútua, é a utilização da metáfora, aqui entendida como apresentando uma natureza conceptual, uma vez que é responsável por estruturar, em grande medida, os sistemas conceptuais das mais diversas culturas conhecidas.

A metáfora é um dos mais importantes instrumentos para tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido em sua totalidade: nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, nossas práticas morais e nossa experiência espiritual. Esses esforços da imaginação não são destituídos de racionalidade; como se utilizam da metáfora, empregam uma racionalidade investigativa. (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], p. 303).

Percebe-se pois, a partir da caracterização do mito experiencialista proposto por Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 302-304), que os mitos do objetivismo e do subjetivismo ignoram o modo de compreendermos o mundo mediante a nossa interação com o mesmo. Desse modo, se por um lado o objetivismo desconsidera a evidência de que a verdade é necessariamente relativa a um sistema conceptual e de que este apresenta natureza metafórica, envolvendo a compreensão imaginativa de uma coisa em termos de outra; por outro o subjetivismo ignora tanto a circunstância de que nossa compreensão, mesmo a mais imaginativa, ocorre em termos de um sistema conceptual construído por meio de nossa inserção em determinados ambientes físicos e culturais quanto à constatação de que a compreensão metafórica está relacionada à implicação metafórica, constituindo esta, por sua vez, uma forma imaginativa de racionalidade.

Lakoff e Johnson (2002[1980]) classificaram as metáforas conceptuais em três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas estruturais ocorrem naqueles casos em que um conceito abstrato é estruturado metaforicamente em termos de outro de natureza concreta. Exemplo disso pode ser observado na metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, pois aqui a discussão, enquanto conceito mais abstrato, é estruturado a partir do conceito de guerra, enquanto conceito mais concreto.

Assim, verifica-se nesse caso a estruturação de um domínio-alvo (a discussão) por um domínio-fonte (a guerra). Esse processo de estruturação de um domínio pelo outro ocorre por meio do mapeamento de algumas características do domínio-fonte que ajudam a entender o conceito relativo ao domínio mais abstrato. A escolha dos elementos que serão mapeados do domínio-fonte ao domínio-alvo obedece ao seguinte critério imprescindível: (...) “ ‘Não mapeie um elemento caso ele gere uma contradição no domínio-alvo.’ ”² (LAKOFF *apud* LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 254, tradução nossa).

As metáforas orientacionais, por sua vez, não são definidas como um conceito estruturado metaforicamente em termos de outro, mas sim por organizar todo um sistema de conceitos em relação a outro. Assim, as metáforas orientacionais estão relacionadas a orientações espaciais do tipo para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de (on-off), fundo – raso, central – periférico.

As orientações espaciais, portanto, decorrem das características dos corpos que temos e da forma como eles funcionam no ambiente físico que nos circunscreve. Desse modo, para Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 59 e 60), as metáforas orientacionais conferem a um conceito uma orientação espacial. Exemplo disso pode ser observado no caso das metáforas

² (...) “Don’t map an element if it would give rise to a contradiction in the target domain.” (LAKOFF *apud* LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 254).

conceptuais FELIZ É PARA CIMA, TRISTE É PARA BAIXO, que são atualizadas por expressões linguísticas como “Estou me sentindo *para cima*”, “Meu astral *subiu*”, “Estou me sentindo *para baixo*” e “Estou no *fundo do poço*”.

Por outro lado, existe um conjunto de outras experiências cuja base para a compreensão não reside na simples orientação. Essas experiências são compreendidas então em termos de objetos e substâncias, o que nos permite “selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme.” (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], p. 75).

A possibilidade de identificarmos as nossas experiências como entidades discretas ou substâncias permite-nos fazer referência a elas, separá-las em categorias e grupos, e também quantificá-las. Tudo isso, por sua vez, também permite-nos raciocinar sobre as mesmas. Assim, de acordo com Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 76), semelhantemente ao que ocorre com as experiências básicas das orientações espaciais que originam as metáforas orientacionais, as nossas experiências com objetos físicos, notadamente com os nossos corpos, são a base para uma diversidade bastante abrangente de metáforas ontológicas, fornecendo formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias, etc. como entidades e substâncias.

No caso da metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, a experiência de aumento de preços é entendida metaforicamente por intermédio do substantivo *inflação*. A atualização dessa metáfora conceptual pode ser observada, conforme exemplificam Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 76-77), em expressões linguísticas como “A *inflação está abaixando* o nosso padrão de vida”, “Se houver muito *mais inflação*, nós nunca sobreviveremos” e “Comprar terra é a melhor maneira de se *lidar com a inflação*”.

Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 87) destacam ainda um tipo específico dentre as metáforas ontológicas, em que uma grande diversidade de experiências relacionadas a entidades não-humanas são concebidas em termos de motivações, características e atividades humanas. Nesses casos, ocorre uma metáfora ontológica específica, talvez a mais óbvia dentre as metáforas dessa natureza, classificada pelos dois autores como personificação.

Expressões linguísticas como “A *inflação ludibriou* as melhores mentes econômicas de nosso país”, “A *inflação roubou* as minhas economias”, “A *inflação atacou o alicerce* de nossa economia” e “O nosso maior *inimigo* agora é a *inflação*” são, para Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 88), atualizações da personificação INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, pois aqui a *inflação* é pensada como um adversário que pode atacar, roubar, ferir e mesmo destruir qualquer um de nós.

Espíndola (2007, p. 50), por sua vez, afirma que parece ser possível observar dois tipos de metáforas ontológicas. Em um primeiro grupo, encontram-se aquelas metáforas em que um conceito abstrato apresenta-se concretizado em um objeto, espaço etc. Já o segundo grupo é formado pelas metáforas em que se observa especificamente a personificação, a qual pode ser atualizada de duas formas.

A primeira é aquela em que uma experiência ou objeto físico é concebido como uma entidade animada (uso de características ou ações próprias de um ser vivo). Ou seja, tomamos características do *domínio origem* (um determinado ser animado) e as projetamos para o *domínio alvo* (a experiência sobre a qual estamos fazendo referência). Nesse caso, vamos observar uma animação (dotar uma experiência de traços de um ser vivo). (...)

A segunda forma de personificação é a que personifica experiências – ou seja, essas experiências são concebidas como pessoas ou àquelas são atribuídas características destas. Nesse caso, constatamos, de fato, a humanização, como é o caso do exemplo apresentado pelos autores citados, para concretizar também a metáfora A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO. (ESPÍNDOLA, 2007, p. 50, grifos da autora).

Para Espíndola (2007, p. 50), a ideia existente em nossa cultura da INFLAÇÃO COMO DOENÇA que necessita ser combatida e dizimada, atualizada, por exemplo, pela

expressão linguística “A inflação precisa ser *combatida* com a vacina certa” e encontrada no discurso do então Ministro da Economia do governo Lula, Antônio Palocci, não representa um processo de humanização, mas sim de animação, pois aqui a entidade, não obstante manifeste vida, mostra-se desprovida de atributos humanos.

Ainda segundo Espíndola (2007, p. 51), a humanização pode ser encontrada, por exemplo, na expressão linguística “A inflação *ludibriou* as melhores mentes econômicas de nosso país”, atualizadora da metáfora ontológica A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, pois aqui o verbo ‘ludibriar’ relaciona-se a uma ação que é propriamente executada por humanos.

Em posfácio à edição de 2003 da obra *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (2003, p. 264) afirmam ter abandonado a classificação das metáforas conceituais em estruturais, orientacionais e ontológicas por considerar artificial a divisão anteriormente estabelecida nas sucessivas edições da referida obra.

A divisão das metáforas em três tipos – orientacionais, ontológicas e estruturais – era artificial. Todas as metáforas são estruturais (no sentido de que elas mapeiam as estruturas para outras estruturas); todas são ontológicas (no sentido de que elas criam domínios-alvo como entidades); e muitas são orientacionais (no sentido de que elas mapeiam esquemas-imagem orientacionais).³ (LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 264, tradução nossa).

Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 92) estabelecem ainda diferença entre metáfora e metonímia conceituais. No caso das metáforas, o que ocorre principalmente é uma forma de conceber uma coisa em termos de outra, tendo por função principal a compreensão. As metonímias, por outro lado, tem eminentemente função referencial, ou seja, de usar uma entidade para representar outra, apresentando também a função de favorecer o entendimento.

A metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia. (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], p. 93).

Assim, no caso da expressão linguística “Precisamos de *boas cabeças* no projeto”, atualizadora da metonímia PARTE PELO TODO, o termo “boas cabeças” é usado para se fazer referência a “pessoas inteligentes”. Aqui não se trata apenas de usar a parte (a cabeça) para representar o todo (a pessoa), mas sim de escolher um aspecto da pessoa (a inteligência) que é relacionada à cabeça.

Lakoff e Johnson (2002[1980], p. 93) ainda comentam que, no caso da expressão linguística “O Times ainda não chegou para a coletiva”, o termo “O Times” não é usado apenas no sentido de se fazer referência a um ou outro repórter, mas igualmente com a finalidade de sugerir a relevância da instituição que o repórter representa. Nesse sentido, enfatizam ainda os autores, “O Times ainda não chegou para a coletiva” apresenta um significado diferente da expressão linguística “Steve Roberts ainda não chegou para a coletiva”, ainda que Steve Roberts seja o repórter dessa empresa jornalística.

Veremos mais adiante, na seção referente à análise e discussão dos resultados obtidos com a investigação dos dois *corpora* escolhidos como objeto de estudo do presente trabalho, como a metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS e seu cruzamento com a metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS são utilizados pelo locutor dos textos analisados, de forma consciente ou não, como estratégia para se alcançar determinada função semântico-discursiva.

³ The division of metaphors into three types – orientational, ontological, and structural – was artificial. All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target domain entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas). (LAKOFF E JOHNSON, 2003, p. 264).

Barcelona (2003, p. 06) afirma que, para a linguística cognitiva, metáfora e metonímia são explicadas como mecanismos mentais convencionais que não se confundem com as expressões linguísticas responsáveis pela atualização de ambas. Desse modo, metáfora e metonímia são tipos fundamentais de modelos cognitivos, cuja motivação é encontrada na experiência e que podem ter sua utilização voltada a um propósito pragmático individual.

O mesmo autor destaca que existem casos em que se pode identificar uma interação entre metáfora e metonímia, a qual é agrupada em dois tipos: interação no nível puramente conceptual; interação no nível puramente textual, com coinstanciação de metáfora e metonímia na mesma expressão linguística.

Para Barcelona (2003, p. 10), a mais importante dessas duas interações entre metáfora e metonímia é a que se verifica no nível puramente conceptual, a qual pode ser dividida em dois subtipos: a motivação conceptual metonímica da metáfora e a motivação conceptual metafórica da metonímia.

O primeiro subtipo é o mais problemático e representa um sério desafio para a teoria da metáfora. Seu fundamento reside na constatação de que muitas metáforas são conceptualmente motivadas por uma metonímia, a qual se encontra mais próxima das experiências humanas básicas. Exemplo desse subtipo pode ser encontrado na expressão linguística “Ele andava de *ombros caídos*. Ele perdeu sua esposa”⁴, que atualiza a metáfora TRISTEZA É PARA BAIXO / FELICIDADE É PARA CIMA e é motivada pela metonímia EFEITO PELA CAUSA, pois aqui o efeito comportamental da tristeza (os ombros caídos) ocupa o lugar da emoção correspondente.

O segundo subtipo, a motivação conceptual metafórica da metonímia, pode ser observado em interpretações metonímicas de uma expressão linguística que somente parece ser possível em uma coocorrência de mapeamento metafórico. O exemplo apresentado por Barcelona (2003, p. 11) nesse sentido é a expressão linguística “Ela alugou o *ouvido* do Ministro e o persuadiu a aceitar seu plano”⁵, a qual atualiza a metáfora ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA. Simultaneamente, pode-se verificar aqui a metonímia PARTE DO CORPO PELA FUNÇÃO, pois uma parte do corpo (o ouvido) assume o lugar de sua função (ouvir) e/ou da forma pela qual essa função é exercida (a atenção).

O segundo tipo geral de interação ocorre com a coinstanciação puramente textual de uma metáfora e uma metonímia na mesma expressão linguística. Nas palavras de Barcelona (2003, p. 12), “isso acontece, a propósito, quando uma metonímia ocorre simultaneamente em uma mesma expressão linguística com um certo mapeamento metafórico, do qual aquela é conceptualmente independente.”⁶ (BARCELONA, 2003, p. 12, tradução nossa).

A coocorrência não se relaciona ao fato de que a metáfora e a metonímia motivem uma a outra, mas sim ao fato de que elas são compatíveis. No exemplo dado por esse autor, “O *sanduíche de presunto* começou a *rosnar*”⁷, a metonímia que essa expressão linguística atualiza é MERCADORIA CONSUMIDA PELO CONSUMIDOR, pois o sanduíche é usado como referência a quem o consumiu. Simultaneamente, encontra-se nessa expressão a metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, atualizada pelo verbo *rosnar*, o qual qualifica uma pessoa atribuindo-lhe característica de animais. A expressão sob análise pode ser proferida em um contexto no qual um cliente que comprou o sanduíche esteja apresentando um comportamento hostil ou agressivo. Como se pode observar, essa é uma forma desumanizadora de se fazer referência a alguém, uma vez que o que importa aqui é a venda de um produto.

⁴ Tradução nossa do original: “He walked with drooping shoulders. He had lost his wife”.

⁵ Tradução nossa do original: “She caught the Minister’s ear and persuaded him to accept her plan”.

⁶ (...) This happens, for instance, when a metonymy co-occurs in the same linguistic expression with a certain metaphorical mapping, from which it is conceptually independent. (BARCELONA, 2003, p. 12).

⁷ Tradução nossa do original: “The ham sandwich started snarling”.

Barcelona (2003, p. 06-07) enfatiza que o mapeamento metafórico é sempre unidirecional, pois apenas o domínio-fonte é projetado no domínio-alvo, sendo impraticável ocorrer o contrário. A metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, atualizada pela expressão linguística “O *ninho de amor* deles foi descoberto”, é constituída pela projeção de um aspecto (comportamento agressivo, lugar que habitam) de alguns animais (cachorros, gatos ou pássaros) em alguns aspectos de uma pessoa (raiva, lugar de encontro amoroso), e não o contrário. Isso não significa, contudo, que não seja possível a existência de uma expressão como “Leões são corajosos”, atualizadora da metáfora ANIMAIS SÃO PESSOAS, em que se observa a projeção de um atributo humano, a coragem, em um instinto animal; mas o que está em jogo aqui é outra metáfora conceptual.

Ao investigar as expressões linguísticas metonímicas e metafóricas na notícia policial, Lima (2008) concluiu, a partir dos pressupostos teóricos postulados pela Teoria da Modalização, que os cruzamentos de metáforas e metonímias encontrados nos textos analisados atuam como estratégias discursivas utilizadas pelo locutor para conferir uma determinada função semântico-discursiva às proposições por ele enunciadas.

A modalização teve seus estudos iniciados na Lógica Clássica e, antes de ser incorporada à Linguística, passou também pela Gramática Tradicional. Os gregos antigos já se preocupavam com a modalidade das proposições, mas as suas conclusões eram circunscritas à perspectiva da Lógica. A Linguística posteriormente adota os estudos da modalidade, porém direcionando seus conceitos para além do recorte epistemológico estabelecido pela Lógica. Nesse contexto, um contingente significativo de linguistas investiga na linguagem as noções, raciocínios e fórmulas da lógica que podem servir para descrever as línguas.

Não obstante Castilho e Castilho (1993, p. 217) afirmem que o termo modalização exprima um julgamento do falante frente a uma proposição, os termos modalidade e modalização são empregados indistintamente com esse sentido. De acordo com a divisão tradicional, a modalidade ocorre nos casos em que o falante expõe o conteúdo proposicional nas formas assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa), enquanto a modalização é observada quando o falante exprime a sua relação com o conteúdo proposicional. Tal relacionamento diz respeito tanto ao julgamento do teor de verdade da proposição quanto ao ato de expressar uma avaliação a respeito da forma escolhida para manifestar o conteúdo de uma proposição. Adotamos aqui a posição dos referidos autores, os quais empregam os termos sem distinção por considerarem que sempre existe uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição a ser enunciada.

Cervoni (1989, p. 63) construiu uma classificação por meio da qual reconhece a existência da modalização impura, a qual se diferencia do padrão formulaico da modalização tradicional, denominado de núcleo duro. No núcleo duro estão incluídas as modalidades proposicionais e os auxiliares de modo, pois ambos apresentam uma significação essencialmente modal perfeitamente explícita. As modalidades proposicionais podem ser observadas em frases do tipo “(unipessoal) + é + Adjetivo + *que* P ou infinitivo”, conforme ilustra o exemplo “É possível que as aulas comecem em julho”. Aqui a modalidade manifesta pela estrutura “é possível” incide em toda a proposição “que as aulas comecem em julho”. Os auxiliares de modo, por sua vez, são evidenciados por meio de verbos como poder, dever, querer e saber, tal como se observa em frases como “Ele deve chegar cedo”. Nesse exemplo, a modalidade evidenciada pelo verbo dever, o qual denota probabilidade, incide também sobre todo o conteúdo proposicional, a saber, “Ele chegar cedo”.

Quanto à modalidade impura, Cervoni (1989, p. 68) considera que aqui estão incluídos aqueles casos nos quais a modalidade mostra-se implícita ou mesclada em um lexema, em um mesmo morfema, em uma mesma expressão a outros integrantes da significação. Alguns

adjetivos avaliativos, tais como útil, agradável, interessante, grave etc., e os modos verbais pertencem a esse grupo.

Castilho e Castilho (1993, p. 222) agrupam os elementos linguísticos que tornam concreta a modalização, os modalizadores, em três tipos de modalização, os quais revelam as diversas posições que o falante assume frente à proposição, ao conteúdo da proposição ou ao enunciado. Desse modo, temos a Modalização Epistêmica, a Deontica e a Afetiva. Em razão do *corpus* que analisou, Nascimento (2009, p. 42) denomina esse último tipo de modalização de modalização avaliativa.

A Modalização Epistêmica é encontrada naqueles casos em que o locutor manifesta uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição. Essa modalização, por sua vez, divide-se em três: a asseverativa, quando o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, o qual é apresentado como uma afirmação ou negação a respeito da qual não existe dúvida, configurando-se assim uma necessidade epistêmica. No exemplo “*Com certeza* Carlos assistiu ao filme”, o locutor sabe que Carlos assistiu ao filme e, em razão disso, vale-se do predicativo *com certeza* para apresentar o conteúdo de P como um conhecimento; a quase-asseverativa, quando o locutor considera o conteúdo da proposição como uma possibilidade, hipótese ou crença. Isso pode ser observado no exemplo “*Provavelmente* Carlos assistiu ao filme”, pois aqui a possibilidade epistêmica é linguisticamente concretizada pelo modalizador *provavelmente*; e a delimitadora, a qual circunscreve o limite de leitura do conteúdo da proposição. Exemplo desse último caso é o enunciado “*Profissionalmente* Carlos é muito responsável”, uma vez que o advérbio *profissionalmente* fixa os limites dentro dos quais a interpretação do conteúdo deve ser feita.

A Modalização Deontica caracteriza-se pela circunstância do falante considerar o conteúdo da proposição como algo que necessita acontecer obrigatoriamente. No enunciado “Carlos *deve* assistir ao filme”, o conteúdo da proposição (assistir ao filme) aparece como algo obrigatório, que precisa necessariamente acontecer. Para Koch (2002, p. 84), na modalização deontica a força ilocucionária é revelada, pois quem ordena cria obrigações para outro.

Na Modalização Afetiva, terceiro e último tipo classificado por Castilho e Castilho (1993), o locutor manifesta suas reações subjetivas ou emotivas em relação ao conteúdo da proposição, não havendo aqui nenhuma consideração de natureza epistêmica ou deontica. Para Castilho e Castilho (1993, p. 223), essa modalização está relacionada à função emotiva da linguagem e é subdividida em dois tipos: subjetiva, por apresentar uma predicação dupla, a do falante frente a P e à própria proposição. Exemplo desse caso é o enunciado “*Infelizmente*, Carlos não assistiu ao filme”, uma vez que o modalizador *infelizmente* tanto exprime uma avaliação do locutor sobre o conteúdo de P (para mim é uma infelicidade que Carlos não tenha assistido ao filme) quanto qualifica esse mesmo conteúdo (Carlos não assistir ao filme é um infelicidade); e intersubjetiva, por exprimir uma predicação simples, assumida pelo falante, a propósito da proposição, frente a seu interlocutor. No enunciado “*Sinceramente* Carlos é muito educado”, o modalizador *sinceramente* expressa a modalização dirigida apenas ao locutor.

Nascimento (2009, p. 46) prefere denominar esse último tipo de modalização de modalização avaliativa, pois, mais do que evidenciar um sentimento ou uma emoção do falante frente à proposição ou ao enunciado, essa modalização evidencia uma avaliação da proposição realizada pelo falante por meio da emissão de um juízo de valor e de uma indicação simultânea de como o falante deseja que essa proposição seja entendida.

Após a apresentação dos pressupostos teóricos referentes à metáfora e metonímia conceptuais, apresentados a seguir os resultados relativos à presença de expressões linguísticas metafóricas e/ou metonímicas atualizadoras de metáforas e/ou metonímias conceptuais em notícias de divulgação científica de dois jornais de circulação nacional,

considerando também a estratégia utilizada pelo locutor desses textos, de forma consciente ou não, para conferir determinada função semântico-discursiva às expressões linguísticas evidenciadas segundo a Teoria da Modalização.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos aqui a análise dos resultados referentes à investigação da ocorrência de expressões linguísticas atualizadoras de metáforas e metonímias conceptuais, bem como da função semântico-discursiva exercida por essas mesmas expressões, em dois jornais de circulação nacional, *O Globo* e *Folha de São Paulo*, os quais constituíram os *corpora* desse estudo.

Para alcançarmos nossos objetivos de identificar a presença de expressões linguísticas atualizadoras de metáforas e metonímias conceptuais na notícia de divulgação científica, analisar a função semântico-discursiva daí decorrente, verificar se há recorrência das metáforas e metonímias conceptuais nos *corpora* do gênero estudado e predomínio de um determinado tipo de metáfora e metonímia conceptuais, recorreremos a 102 notícias de divulgação científica recolhidas em cada um dos *corpora* que constituem este estudo, em um total de 204 notícias capturadas nos respectivos sites dos jornais entre os meses de agosto a outubro de 2009.

Nossa pesquisa apresenta natureza descritivo-qualitativa e exploratório-explicativa, uma vez que nosso objetivo não é trabalhar estritamente com as quantidades de expressões linguísticas metafóricas e metonímicas encontradas nos dois *corpora* investigados, mas sim buscar explicar a função semântico-discursiva relacionada às expressões linguísticas metafóricas e metonímicas ali levantadas.

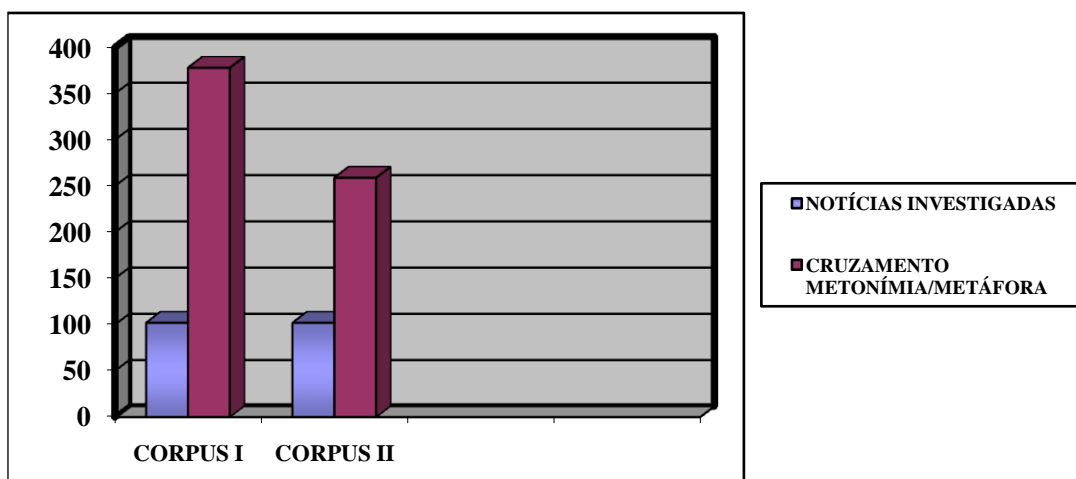
No tocante ao gênero analisado, consideramos a notícia de divulgação científica segundo a concepção de um gênero do discurso, conforme assevera Bakhtin (2000[1979]), e não como sinônimo de veiculação ou publicação de fatos. Consideramos ainda a definição de Nascimento (2009), para quem a notícia encontra-se incluída no gênero informativo, cuja fundamental característica é relatar ou descrever, de forma objetiva e imparcial, um fato. Logo, de acordo com esse último critério, notícia é o relato de um fato.

Para fins deste estudo, apenas consideraremos a análise de expressões linguísticas atualizadoras do cruzamento da metonímia e metáfora conceptuais predominante nos dois *corpora* investigados, a saber, INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS/INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, não obstante tenha se verificado também nas notícias de divulgação científica coletadas nos dois jornais de circulação nacional expressões que atualizam outros cruzamentos de metonímias e metáforas menos recorrentes.

No sentido de facilitar a identificação dos dados relacionados aos excertos que serão transcritos a seguir, convencionamos utilizar as siglas GLB e FSP para nos referirmos, respectivamente, aos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, além de outras três informações, dispostas na seguinte ordem: o número da notícia capturada, a data de recolhimento desta e o(s) número(s) da(s) linha(s) em que a(s) expressão(ões) linguística(s) atualizadora(s) do cruzamento da metáfora/metonímia conceptuais se encontra(m).

A quantidade de expressões linguísticas atualizadoras do cruzamento da metonímia e da metáfora conceptuais encontradas nos dois *corpora* obedece à seguinte proporção: nas 102 notícias coletadas no caderno de Ciência e Saúde da versão online do jornal *O Globo*, encontramos 378 expressões linguísticas que atualizam a metonímia/metáfora conceptuais INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS/INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, enquanto que nas 102 notícias capturadas do caderno de Ciência da versão online do jornal *Folha de São Paulo*, encontramos 259 expressões linguísticas que atualizam esse mesmo cruzamento de

metonímia/metáfora conceituais. O gráfico abaixo ilustra melhor os dados aqui descritos:



Apresentaremos agora alguns excertos referentes a expressões linguísticas encontradas em notícias de divulgação científica capturadas nos dois *corpora* investigados que atualizam o cruzamento da metonímia/metáfora conceituais INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS/INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS.

EXEMPLOS DE EXCERTOS ENCONTRADOS NO PRIMEIRO *CORPUS* INVESTIGADO, O JORNAL *O GLOBO*

Depressão será a doença mais comum do mundo em 2030, **diz OMS** (GLB. 10. 02/09/2009. 02).

O governo também **pretende** tornar obrigatória a eficiência energética nos carros a partir de 2011. (GLB. 13. 03/09/2009. 26-27).

Luta contra aquecimento global deve ir além do CO₂, **diz ONU** (GLB. 15. 04/09/2009. 01).

O jovem ainda não pode andar, mas já consegue comer sozinho, mexer os braços e ajudar a se vestir, **informou a instituição**. (GLB. 40. 18/09/2009. 17).

Segundo a agência, isso abriria uma "oportunidade única" para uma guinada rumo a uma economia de baixas emissões. (GLB. 43. 21/09/2009. 12).

O Ministério de Saúde Pública da Tailândia dirigiu o estudo (GLB. 49. 24/09/2009. 27).

"Isso revolucionou a fotografia, já que a luz pode ser capturada eletronicamente em vez de sobre um filme", **disse o comitê**. (GLB. 68. 06/10/2009. 43).

Segundo a agência meteorológica australiana, esta foi a pior tempestade de areia na região desde os anos 1940. (GLB. 48. 23/09/2009. 15).

Itamaraty diz que acordo de clima esbarra em metas e financiamento (GLB. 89. 16/10/2009. 01).

Mesmo que o projeto Ares 1 seja cancelado, esse voo é crucial, **segundo a Nasa**. (GLB. 92. 20/10/2009. 21).

EXEMPLOS DE EXCERTOS ENCONTRADOS NO SEGUNDO *CORPUS* INVESTIGADO, O JORNAL *FOLHA DE SP*

Criacionista, zoo britânico refuta teoria de Charles Darwin e **irrita associação** (FSP. 03. 27/08/2009. 02-03).

Uma nova pílula que contém benefícios antioxidantes típicos da dieta mediterrânea, baseada no tomate, pode ser uma solução sem efeitos secundários para fortalecer o coração, **segundo anunciou um laboratório de biotecnologia de Cambridge (Grã-Bretanha)** nesta terça-feira (1º). (FSP. 08. 01/09/2009. 07).

A nova técnica, **desenvolvida pelos departamentos de Ciência da Computação e Ciência**

da Comunicação Humana, permite que aparelhos sejam programados com a própria voz do usuário. (FSP. 13. 04/09/2009. 10-11).

Mas em razão de sua novidade, o novo contraceptivo de urgência deve ainda receber **aprovação da Emea (Agência Europeia de Medicamento)** para seu plano de vigilância após comercialização. (FSP. 23. 08/09/2009. 15).

Exemplo disso é **uma pesquisa feita em uma escola pelo Centro de Transferência de Neurobiologia e Aprendizagem**, com sede em Ulm, na Alemanha. (FSP. 39. 17/09/2009. 54-55).

UFRJ explica "telepatia" entre partículas (FSP. 41. 15/05/2009. 02).

Durante esse tempo, **a agência produzirá um mapa completo e detalhado da superfície da Lua, além de buscar recursos e locais seguros** para o pouso de naves tripuladas. (FSP. 43. 18/09/2009. 16-17).

"Como os ribossomos são cruciais para a vida, eles também são um grande alvo para os novos antibióticos", **disse o Comitê do Nobel para a Química da Real Academia Sueca de Ciências em comunicado**. (FSP. 79. 07/10/2009. 19-20).

O debate sobre como diferenciar a depressão "patológica" de uma reação normal de tristeza, diz Alves Brasil, pode levar a uma revisão desse ponto no DSM e na ICD (Classificação Internacional de Doenças), **produzida pela Organização Mundial da Saúde**. (FSP. 90. 12/10/2009. 80-81).

"A indústria havia realizado pesquisas que demonstraram que o cigarro é tóxico, que provoca câncer", e **ao mesmo tempo disse em público que não havia qualquer prova neste sentido**, destaca um dos autores do artigo, o professor David Hammond, da Universidade de Waterloo (Ontário). (FSP. 98. 16/10/2009. 15-17).

Nas expressões linguísticas aqui transcritas, observamos que um conceito é utilizado para se referir a outro, pois a *OMS* aparece no lugar dos membros dessa organização, o *governo* surge no lugar dos governantes, a *ONU* ocupa o lugar dos países-membros e demais integrantes, a *NASA* assume o lugar de seus cientistas e técnicos, a *UFRJ* e outras instituições de pesquisa são apresentadas no lugar de seus pesquisadores, a *Folha de São Paulo*, a *BBC* e a *Reuters*, por sua vez, surgem em lugar de seus jornalistas, proprietários, dirigentes e demais funcionários. Desse modo, podemos perceber que tais expressões atualizam a metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS.

Podemos perceber também que características humanas são atribuídas a essas instituições por meio da utilização de verbos como afirmar, dizer, pretender, informar, dirigir, refutar, irritar, anunciar, explicar, aprovar, produzir etc., os quais atualizam a Metáfora Conceptual Ontológica de Personificação INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, conforme preceituam Lakoff e Johnson (2002[1980]). Para esses autores, as metáforas ontológicas são motivadas por nossas experiências com os objetos físicos. Assim, um conceito abstrato é entendido como uma entidade, um objeto ou uma substância que atuam como formas de se conceber eventos, atividades, emoções, ideias, processos etc.

Desse modo, demonstra-se a ocorrência simultânea entre metonímia e metáfora conceptuais em cada uma das expressões linguísticas transcritas acima. Essas expressões evidenciam o que Barcelona (2003) apresenta como a coexistência de metáfora e metonímia conceptuais em uma mesma expressão linguística. Ainda segundo a classificação dos tipos de interação estabelecida por esse autor, os excertos transcritos nessa seção representam uma interação no nível puramente textual, com coinstanciação de metáfora e metonímia na mesma expressão linguística.

O uso da metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS e de seu processo de metaforização INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS revelam, segundo a Teoria da Modalização, uma estratégia discursiva do locutor de, posicionando-se com distanciamento frente ao que é dito, conferir credibilidade à hipótese, afirmação, constatação ou teoria enunciadas. Assim, o

locutor busca, por meio desse recurso discursivo, não permitir que a proposição evidencie qualquer marca de subjetividade que possa comprometer a legitimidade do conteúdo enunciado.

De acordo com a classificação de Castilho e Castilho (1993) relativa aos três tipos principais de modalização, podemos afirmar que as expressões linguísticas que atualizam a coinstanciação da metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS e da metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS são exemplos de modalização epistêmica quase-asseverativa, pois aqui o locutor considera o conteúdo da proposição quase certo ou uma hipótese que precisa ser confirmada, mantendo, em razão disso, um alto grau de distanciamento frente ao que é dito e não se responsabilizando, por conseguinte, pelo valor de verdade dessa proposição. Esse distanciamento do locutor, conforme comentado logo acima, também revela uma estratégia do locutor de não imprimir marcas de subjetividade ao enunciado, evitando com isso que a legitimidade do conteúdo veiculado seja comprometida.

Por outro lado, o uso das expressões linguísticas sob análise evidencia que a modalização não incide sobre toda a proposição, conforme preceitua o tipo de modalização denominado de núcleo duro, mas incide sobre parte do discurso, a saber, a notícia, porém não é linguisticamente marcada conforme postula Cervoni (1989). Desse modo, valendo-nos da classificação estabelecida por esse autor, observamos que as expressões linguísticas metonímicas e metafóricas em questão podem ser classificadas como exemplos de modalidade impura, pois apresentam uma forma implícita de modalização que incide sobre parte do discurso, e não apenas sobre parte de uma proposição. Assim, podemos afirmar que encontramos um tipo especial de modalização impura nesses casos.

Concluindo, podemos afirmar que o uso de expressões linguísticas atualizadoras do cruzamento da metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS e da metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS são recursos frequentemente utilizados em notícias de divulgação científica, uma vez que o locutor encarregado de redigi-las necessita recorrer a determinadas estratégias para melhor fundamentar seu discurso e, com isso, não permitir que o conteúdo veiculado acabe por se mostrar duvidoso em sua credibilidade em razão de alguma marca de subjetividade ali deixada pelo redator do gênero em questão.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentamos neste artigo um estudo referente à análise da função semântico-discursiva das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas encontradas no gênero notícia de divulgação científica em dois jornais de circulação nacional. Para esse fim, recorreremos a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais postulada por Lakoff e Johnson (2002[1980]), segundo a qual tanto a metáfora quanto a metonímia não são mais entendidas como meros ornamentos linguísticos. As contribuições de Barcelona (2003) também se mostraram importantes para analisarmos a coinstanciação das metáforas e das metonímias conceptuais nas expressões linguísticas analisadas. Por outro lado, a Teoria da Modalização contribuiu no sentido de compreendermos qual a estratégia argumentativa utilizada pelo locutor ao redigir essas notícias.

O nosso *corpora* foi constituído de 204 notícias de divulgação científica capturadas, em igual proporção, em dois jornais de circulação nacional, *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Por meio da análise, observamos que as expressões linguísticas atualizadoras de metonímias e metáforas conceptuais são recorrentes na notícia de divulgação científica, com predominância do cruzamento da metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS e da metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS em ambos os *corpora* analisados na seguinte proporção: 378 e 259 expressões linguísticas que atualizam as referidas metonímia e metáfora conceptuais nas notícias de divulgação científica capturadas dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, respectivamente.

Observamos ainda que as expressões linguísticas metonímicas e metafóricas encontradas atuam como recursos modalizadores, ou seja, representam uma estratégia argumentativa utilizada pelo locutor que elabora as notícias de divulgação científica analisadas, conforme demonstramos. Desse modo, essas expressões linguísticas podem ser classificadas como modalizadores discursivos pertencentes à categoria da modalização epistêmica quase-asseverativa, segundo a tipologia preconizada por Castilho e Castilho (1993). Por outro lado, segundo a classificação de Cervoni (1989), esses mesmos recursos modalizadores constituem exemplos de um tipo especial de modalização impura, o qual incide sobre parte do discurso, e não apenas sobre parte de uma proposição.

Assim, segundo a Teoria da Modalização, as expressões linguísticas metonímicas e metafóricas na notícia de divulgação científica funcionam como uma estratégia discursiva utilizada pelo locutor para, mantendo um distanciamento frente à proposição, não imprimir marcas de subjetividade ao que é dito e, com isso, conferir credibilidade ao conteúdo veiculado.

Nesse sentido, podemos afirmar que, tal como no estudo realizado por Lima (2008), verificamos em nossa pesquisa a prevalência de expressões linguísticas que atualizam a coinstanciação da metonímia **INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS** e da metáfora **INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS**, mas com uma função semântico-discursiva diferente daquela encontrada por essa autora em sua investigação sobre o gênero notícia policial, pois, se neste caso o locutor afasta-se da proposição com o objetivo de preservar a identidade e integridade física dos agentes policiais e demais profissionais envolvidos em investigações dessa natureza, nas notícias de divulgação científica evidenciou-se que o locutor, ao manter um distanciamento frente à proposição, objetiva não imprimir marcas de subjetividade ao conteúdo desta, conferindo assim, por meio desse recurso modalizador, credibilidade àquilo que é dito.

3. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARCELONA, Antônio. **Metaphor and Metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. Berlin/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2003.
- CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. Vol. II.
- CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- ESPÍNDOLA, Lucienne C. A. Metáfora ontológica, publicidade e leitura. In: _____ e SOUSA, Maria Ester Vieira de. (Orgs.). **O texto: vários olhares, múltiplos sentidos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.
- _____. Afterword, 2003. In: _____. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- LIMA, Josilane Márcia Justiniano de. **Expressões linguísticas metonímicas e metafóricas na notícia policial: um recurso discursivo**. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: < <http://sites.google.com/site/lasprat/Home/dissertacoes/orientacoes-profa-lucienne> >. Acesso em: jan. 2010.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Jogando com as vozes do outro: argumentação na notícia jornalística**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.